

# REFLEXÕES SOBRE A CRÍTICA DE DELEUZE E GUATTARI À TEORIA DO COMPLEXO DE ÉDIPO (\*)

Amadeu de Oliveira Weinmann (\*\*)

## RESUMO

O artigo discute a crítica realizada por Deleuze e Guattari à teoria do complexo de Édipo, comparando-a com aquela efetuada por Wilhelm Reich. Por outro lado, demonstra que, ao contrário do que afirmam aqueles autores, o desejo, em psicanálise, sempre se refere a objetos parciais. Por fim, questiona a possibilidade de se conceber um sujeito radicalmente descentrado, livre de uma referência fundante derivada de sua filiação ao simbólico.

**Palavras-chave:** desejo, objetos parciais, inconsciente, sujeito.

## ABSTRACT

The article discusses Deleuze and Guattari's critic to the theory of the Oedipus complex, comparing it to the one made by Wilhelm Reich. On the other hand, contrary to what those authors state, it demonstrates that desire, in psychoanalysis, always refers to partial objects. Finally, it questions the possibility of conceiving a radically decentered subject, free from a founding reference derived from its affiliation to the symbolic.

**Key words:** desire, partial objects, unconscious, subject.

Passados 30 anos de sua publicação, a leitura de *O anti-édipo* segue sendo uma experiência instigante – para não dizer provocativa. Talvez pela natureza assumidamente *esquizo* desta obra, senti-me incitado a responder desde diferentes lugares, produzindo um verdadeiro fogo cruzado entre diversos autores: Freud, Lacan, Melanie Klein, Wilhelm Reich – além dos criadores de *O anti-édipo*, claro. O resultado deste *colóquio* é este

---

(\*) Artigo publicado em *Pulsional: revista de psicanálise*, São Paulo, ano XV, n. 160, p. 31-5, ago., 2002.

(\*\*) Psicólogo (CRP: 07/09371), especialista em Atendimento Clínico (ênfase em Psicanálise) pela Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS e doutor em Educação (UFRGS).

pequeno texto, que, evidentemente, não tem a pretensão de ser exaustivo, mas de compartilhar algumas reflexões que me foram suscitadas.

Deleuze e Guattari principiam sua exposição propondo que se pense o conceito de *Isso* (o *das Es*, freudiano) em termos maquínicos. Esta escolha não é aleatória: de acordo com Laplanche e Pontalis (1986), Freud recolheu este conceito de Groddeck e de Nietzsche a fim de designar o que existe de impessoal, de para além dos desígnios do *eu*, na alma humana. Para Deleuze e Guattari, *isso* funciona em toda parte – às vezes sem parar, às vezes de modo descontínuo –, respira, caga, fode. Sobretudo, *isso* produz – e pouco importa o que *isso* significa. Isto porque *isso* não representa nada – é máquina impessoal, usina de produção do *desejo*, e não teatro –, não sendo passível, portanto, de interpretação.

Deleuze e Guattari criticarão a psicanálise por ter amarrado a potência disruptiva da descoberta das produções do inconsciente a um mito unificador: o Édipo. Esta crítica decorre da premissa assumida por estes autores de que a produção desejante é irreduzível à unidade, é multiplicidade pura. É o *eu* – dirão –, esta instância de síntese, unidade e identidade, que clama por re-territorialização neurótica e que escraviza o desejo ao *romance familiar*. Ao remeter o paciente, permanentemente, a seus vínculos parentais, o psicanalista operaria no sentido de manter o desejo deste paciente encarcerado na fina rede de suas relações familiares. Citando Michel Foucault, os autores de *O anti-édipo* lembrarão que foi apenas no século XIX que a sociedade burguesa atribuiu à família a responsabilidade por seus membros, construindo, então, um discurso familiar e moralizante em torno da patologia mental. Ao relacionar o sofrimento psíquico a um complexo parental, envolvido em culpa e em autopunição, a psicanálise incorporar-se-ia ao projeto burguês, que mantém o desejo aprisionado no triângulo *papai, mamãe e eu*.

Ainda em relação ao Édipo, Deleuze e Guattari (1976: p. 67) se perguntam: “sob a ação de que forças a triangulação edipiana se fecha?”. Para eles,

A criança desde pequena tem toda uma vida desejante, todo um conjunto de relações não familiares (...), que não se refere aos pais do ponto de vista da produção imediata, mas que lhes é referido (com amor ou ódio) do ponto de vista do registro do processo (Ibid.: p. 67).

De acordo com estes autores, seria apenas sob esse enfoque – o do registro do processo – que se poderia pensar a fixação do desejo no âmbito familiar, o Édipo. Mas esta perspectiva deixaria de fora toda uma vasta dimensão do campo da sexualidade, que se distribui nas mais diversas direções, reduzindo-a ao que os autores denominam de um

pequeno segredo sujo, familiar, ao invés da fantástica usina de desejo que a sexualidade constitui.

É interessante observar que, em relação ao complexo de Édipo, algumas convergências existem entre o pensamento de Wilhelm Reich e o de Deleuze e Guattari. Antes, porém, convém assinalar que Reich – freudiano que era – pensava a constituição subjetiva como organizando-se em torno do Édipo. É assim que postulará que “a formação do caráter principia como uma forma definida de superação do complexo de Édipo” (Reich, 2001: p. 152). Por formação do caráter neurótico, Reich entendia o processo pelo qual os fluxos libidinais tornam-se como que enrijecidos, defensivamente, na medida em que o sujeito é incapaz de desvencilhar-se da fixação em seus desejos incestuosos.

Entretanto, o complexo de Édipo, para Reich, não era algo natural, ou universal, mas uma construção social, culturalmente determinada<sup>1</sup>. Reich (1994) sustentará que a fixação incestuosa das crianças e dos adolescentes da sua época – e dos adultos neuróticos, que atendia – decorria de um ordenamento cultural que inibia a fruição do prazer corpóreo. Deste modo, a ligação primordial da criança a seus pais era sobreinvestida com libido retirada de todo um conjunto de experiências prazerosas, possíveis de serem vivenciadas para além do registro edípico. Às experiências de prazer situadas fora dos muros do Édipo (as quais pressupõem uma boa resolução da problemática edípica), Reich denominará *sexualidade orgástica*, verdadeira usina do desejo funcionando a pleno vapor, livre da culpa e das inibições tipicamente edípicas. Por externar estes pontos de vista, Reich será acusado de querer fazer retornar a teoria da sexualidade a suas formulações pré-freudianas; por outro lado, Reich – assim como Deleuze e Guattari, muito tempo depois – criticará o movimento psicanalítico por querer reduzir a sexualidade humana a sua dimensão edípica.

Feito este contraponto, retornemos a *O anti-édipo*. Outro importante aspecto das teorizações de Deleuze e Guattari, ainda em conexão com o Édipo, é a idéia de que o *inconsciente é órfão*, isto é, que toda produção desejante refere-se a *objetos parciais*, “máquinas-órgão acopladas a máquinas-fonte, umas emitindo um fluxo, que as outras cortam”. Por exemplo: seio-boca, raios de sol-ânus do presidente Schreber, etc. Corolário desta concepção é a dissolução das noções clássicas de *sujeito* e de *objeto* – unificados

---

<sup>1</sup> Reich (s/d) buscará na obra de Malinowski, *A vida sexual dos selvagens*, e em *A origem da família, da propriedade privada e do estado*, de Engels, elementos para apoiar esta sua tese, desenvolvida a partir de sua experiência clínica e do trabalho com a juventude trabalhadora em Centros de Orientação Sexual.

e totalizados especularmente – e, por conseguinte, das fronteiras entre ambas<sup>2</sup>. Em seu lugar, cadeias heterogêneas e fragmentárias produzindo fluxos, operando cortes e suscitando angústias esquizo-paranóides de re-territorialização neurótica (antes deprimido, mas ligado a papai-mamãe, do que esquizo, desterritorializado).

Deleuze e Guattari atribuem a Melanie Klein a descoberta genial dos objetos parciais; no entanto, consideram que esta autora não conseguiu se livrar da tentação de remeter estes objetos a um objeto total, unificado. Penso que esta é uma afirmação controversa. Para Freud (1996 [1905]), os primeiros objetos do gozo infantil consistem em *partes* do próprio corpo da criança (são auto-eróticos, portanto), que não se integram, psiquicamente, constituindo uma unidade. Será apenas em um momento posterior da infância que serão investidas, libidinalmente, as imagens unificadas de si próprio – o *eu* – e do objeto. Entretanto, tal unificação imaginária não destrói o vínculo irreduzível a objetos parciais, como o demonstram o fetichismo, a formação dos traços de caráter e aquela operação psíquica que, para Freud (assim como para Lacan), é estruturante do sujeito – a *castração*. Assim, se algo tem de ser louvado, ou criticado, nesta concepção parece-me que deve ser debitado de Melanie Klein e creditado a Freud.

Retomando Freud, Lacan também concebe o desejo em relação a fragmentos corpóreos – que denomina *objeto causa do desejo* (objeto ‘a’) –, bem como entende que a unificação imaginária que constitui e enlaça o *eu* e o *objeto* é o principal sintoma a ser analisado. Nesta perspectiva, se há um *sujeito* para Freud e Lacan, este não é o eu, um objeto total, ou um suposto sujeito da consciência, mas o *sujeito do inconsciente*, que se erige a partir do corte efetuado na ligação primordial da criança a seus “objetos ‘a’” (castração). Édipo, nesta concepção, consistiria na operação psíquica que outorga – ou não – o direito à sexualidade, em torno da qual se constitui a *possibilidade* do sujeito assumir sua condição de ser sexuado: decifra-me, ou te devoro.

Deleuze e Guattari sustentarão que este também é um sujeito *centrado* (ainda que desde o inconsciente<sup>3</sup>), constituído em torno de um significante-mestre: o Nome-do-Pai, agente da castração simbólica. Para os autores de *O anti-édipo*, só há sujeito fixo pela repressão (Freud e Lacan não fariam qualquer reparo a esta observação); indo além, afirmarão que se trata de pensar um sujeito errante, sem coordenadas de referência<sup>4</sup>: “o

---

<sup>2</sup> “Não há mais nem homem nem natureza, mas apenas o processo que produz um no outro e acopla as máquinas. (...) eu e não-eu, exterior e interior não querem dizer mais nada” (Deleuze e Guattari, 1976: p. 16).

<sup>3</sup> Na perspectiva de Freud e de Lacan, este é um sujeito *descentrado* (tomando como referência o sujeito da consciência).

<sup>4</sup> Esta definição de sujeito aproxima-se, significativamente, do que Calligaris (1989) denomina de *estrutura psicótica fora da crise*.

sujeito se estende sobre a circunferência do círculo de cujo centro o eu desertou” (Deleuze e Guattari, 1976: p. 37).

Parece-me que nesta controvérsia retorna um debate, já referido acima, em torno de uma posição frente à organização da cultura. Talvez se possa pensar que a psicanálise, enquanto teoria e clínica, incorpora o *falocentrismo cultural*, que estabelece a neurose como sintoma social hegemônico. A psicanálise nunca fez segredo de sua dificuldade em compreender a psicose e mesmo um autor de indubitável filiação lacaniana, como Contardo Calligaris, reconhece que a operação psíquica definida por Lacan como sendo constituinte da psicose – a forclusão do Nome-do-Pai – é imprópria, pois “(...) é uma afirmação negativa, segundo a qual a psicose não é a neurose, e só” (Calligaris, 1989: p. 19). Em contrapartida, a esquizo-análise, de Deleuze e Guattari, propõe uma radical desterritorialização conceitual e clínica, tomando a psicose como modelo. Em que medida esta concepção pode prescindir de uma referência ao *pai simbólico*, que se oferece ao sujeito como possibilidade – sempre parcial – de dissolver sua coagulação em torno do núcleo edípico original, é uma questão a ser verificada. Por outro lado, não seria algo tirânico impor ao neurótico um modelo que recusa sua ancoragem em uma referência central?

Uma outra crítica dirigida por Deleuze e Guattari à teoria psicanalítica refere-se à idéia de desejo enquanto falta. Afirmam os autores que esta perspectiva pressupõe que o desejo seja concebido como produção de fantasma, o que implicaria em uma *duplicação da realidade*, como se houvesse um objeto fantasmático para cada objeto perdido (Freud), ou faltante (Lacan). É esta duplicação do real – veiculada pela idéia de *representação*, que seria atualizada através da noção de *significante* e que é intrínseca à utilização da *interpretação* como método de análise –, que parece inconcebível a Deleuze e Guattari. Esta mesma crítica será dirigida ao marxismo, que concebe a superestrutura político-ideológica como sendo um *reflexo* da infra-estrutura sócio-econômica.

A idéia de um caráter imanente do desejo é muito cara a Deleuze e Guattari. Para eles, o desejo produz real, percorre o real em toda a sua extensão, é real. No entanto, estes autores parecem incorrer no mesmo tipo de duplicação que pretendem criticar, quando afirmam que “(...) a criança *refere* o seio como objeto parcial à pessoa de sua mãe, e não cessa de consultar o rosto materno” (Deleuze e Guattari, 1976: p. 67). É nesta dimensão do *registro do processo*, como afirmam os autores de *O anti-édipo*, que se daria o aprisionamento na problemática edípica. Deste modo, vê-se restabelecida a duplicação *real da experiencial/registro do processo* (talvez porque não seja assim tão fácil libertarmo-

nos dos binarismos que pululam em nossos modos de pensar). Neste sentido, cabe assinalar que Lacan, em sua topologia do *nó borromeu*, produziu uma interessante articulação de elementos fragmentários e heterogêneos, em um sistema aberto a fluxos diversos. Curiosamente, este modelo passou a ser utilizado por Lacan a partir de 1972 (Chemama, 1995), mesmo ano da publicação de *O anti-édipo*. Influência pós-estruturalista?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALLIGARIS, Contardo.** *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CHEMAMA, Roland (Org.)**. *Dicionário de psicanálise Larousse*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix.** *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, Sigmund.** Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7.
- \_\_\_\_\_. Caráter e erotismo anal (1908). *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 9.
- \_\_\_\_\_. A organização genital infantil (1923). *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19.
- \_\_\_\_\_. A dissolução do complexo de Édipo (1924). *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B.** *Vocabulário da psicanálise*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- REICH, Wilhelm.** *A função do orgasmo*. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Análise do caráter*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A irrupção da moral sexual repressiva*. São Paulo: Martins Fontes [s/d].